

28/10/96 D3
235

FOTOGRAFIA

Pedro Martinelli faz palestra no 'Estado'

Um dos principais fotôgrafos do País, ele fala sobre seu trabalho em evento aberto ao público

SIMONETTA PERSICETTI
Especial para o Estado

O fotógrafo Pedro Martinelli estará hoje, às 19 horas, no auditório do Estado, para falar sobre seu trabalho no fotojornalismo, em palestra aberta ao público (informações pelo 856-2900).

Essencialmente fotojornalista, Martinelli começou sua carreira há 30 anos e trabalhou nos principais jornais e revistas do Brasil, como *O Globo*, *Veja*, *Placar*. Como fotógrafo da *Veja*, esteve na Nicarágua e cobriu quase todos os golpes de Estado da América Latina. Estava em Roma nas eleições dos papas João Paulo I e João Paulo II e registrou várias Olimpíadas e Copas do Mundo.

Não foi o suficiente. Não satisfeito, enveredou por outras áreas, trabalhando com moda

para revistas como *Elle* e *Capricho* e fotografando mulheres para a *Playboy*. Apesar disso, nunca se esqueceu de sua formação jornalística e suas imagens não se preocupam só com a estética ou em transmitir uma informação efêmera. Sua busca é a comunicação, o documental.

Há três anos, Martinelli deixou a direção do Estúdio Abril, onde ficou por 11 anos, para perseguir aquele que acha ser seu projeto de vida: fotografar o homem da Amazônia.

Seu contato com a região ocorreu há mais de 20 anos, quando trabalhava para o jornal *O Globo* e acompanhou os irmãos Villas Boas em suas incursões pela floresta durante meses. Era a década de 70.

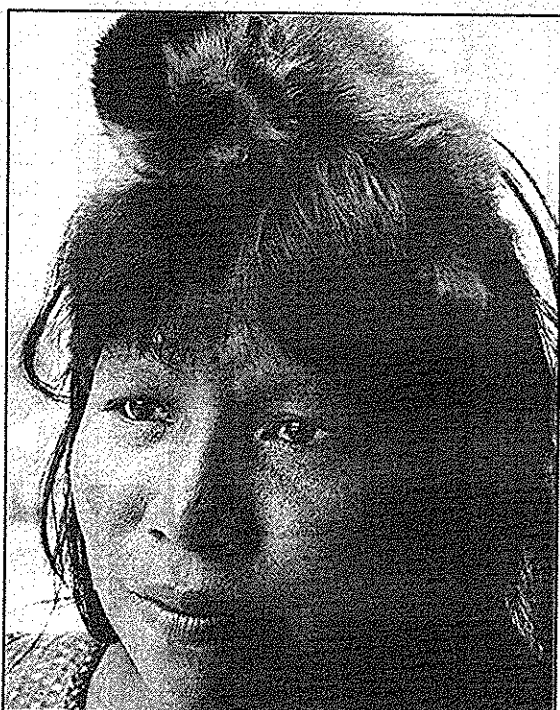
Nessa época, a equipe fez os primeiros contatos com os então chamados índios gigantes, que nunca haviam visto o "homem branco".

Martinelli ficou fascinado com a experiência e durante algum tempo pensou em morar na Amazônia. Não deu. Voltou para a cidade, mas a Amazônia não foi esquecida. Como fotojornalista, fez vários trabalhos na região, mas sempre cumprindo pautas. Em cada viagem, ele se sentia deprimido a área; havia muitas histórias a ser contadas, mas o pouco tempo não permitia abordagens mais profundas.

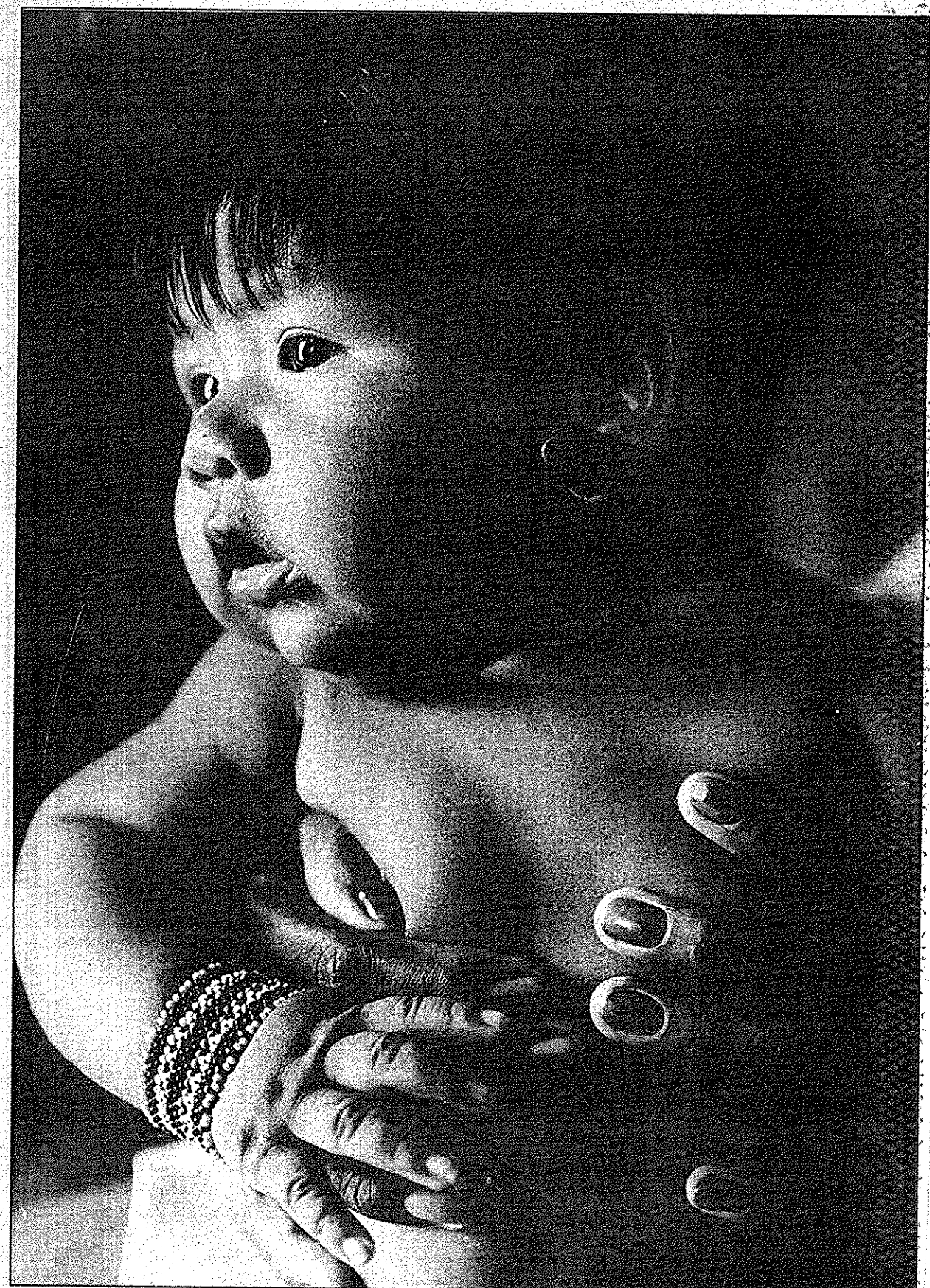
Durante dez anos, Martinelli colecionou tudo o que é publicado sobre a Amazônia e praticamente levou o mesmo tempo para montar seu projeto. Comprou um barco, que batizou de Taba, e é com ele que há três anos vem percorrendo a região e montando suas histórias, referentes à indústria da juta, ao pau-rosa, à pesca de peixes ornamentais, às moradias.

Reencontro — No começo do ano, ele teve uma surpresa emocionante: reencontrou, no Xingu, os mesmos índios que havia fotografado para o jornal *O Globo* fazia mais de 20 anos. Martinelli levou para eles as fotos que haviam sido feitas nos anos 70 e, com o contato restabelecido, ficaram amigos e mais uma história surgiu.

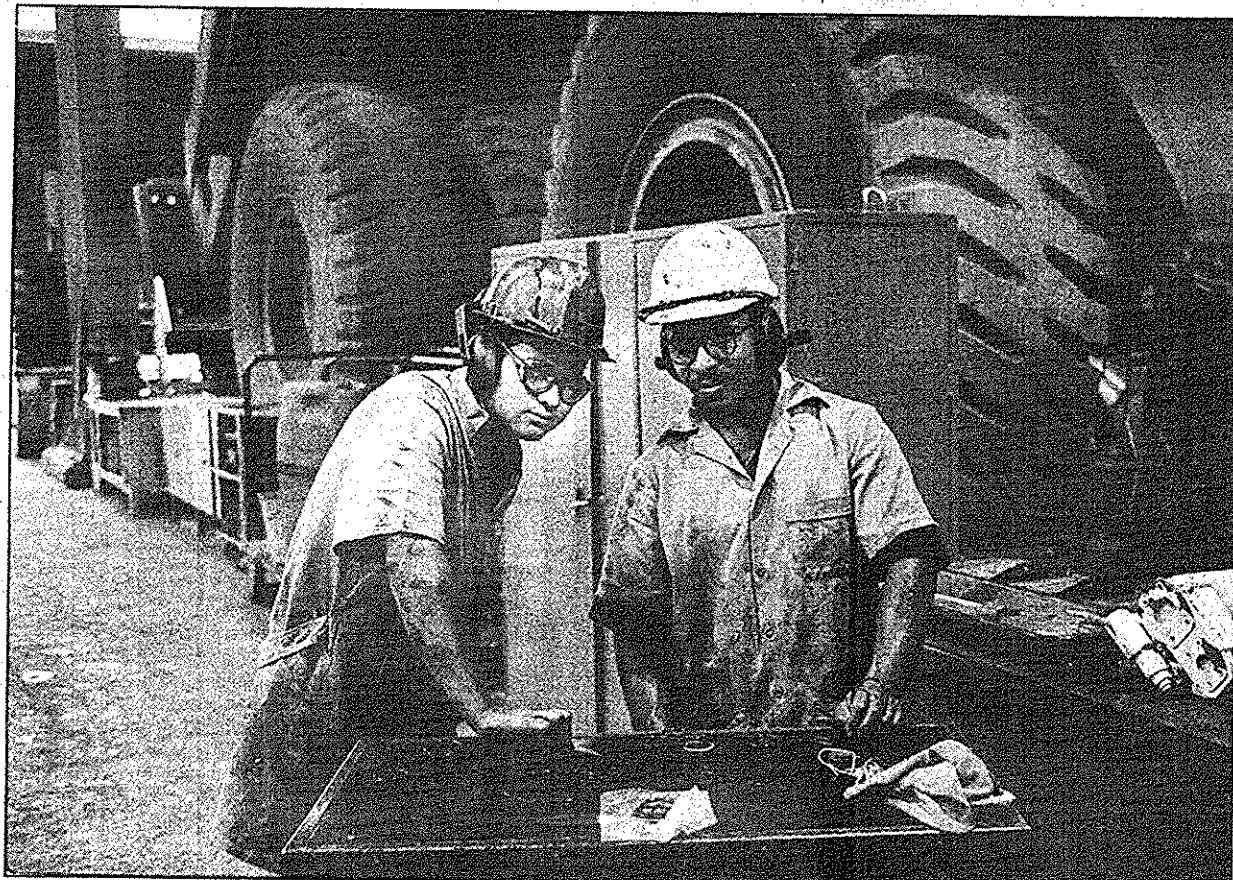
O fotógrafo pretende permanecer cinco anos na Amazônia para contar suas histórias. Contos que ele vai registrando em preto-e-branco. Imagens que podem ser dramáticas ou glamourosas, contundentes ou delicadas, cruas ou ingênuas. Não importa. O que ficar será o documento de uma época colhido por alguém que escolheu a imagem como forma de vida.



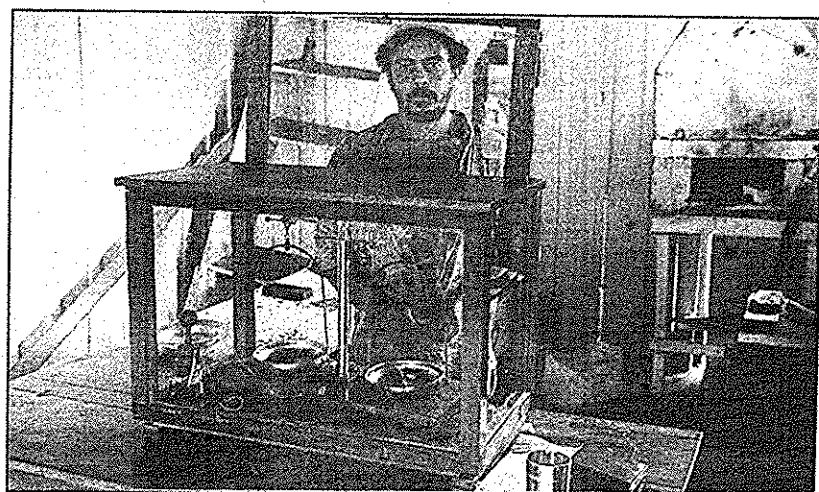
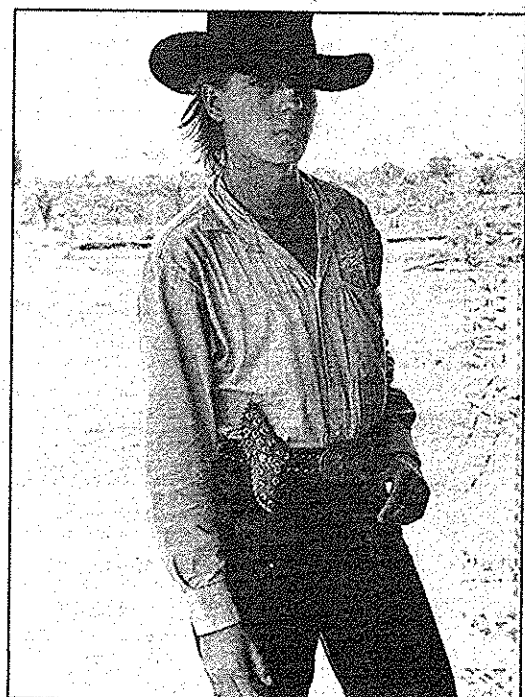
Três índios da tribo panará que estão retornando para a área próxima de onde viviam há 20 anos, entre Mato Grosso e Pará: busca pelo documental sempre esteve presente no trabalho desenvolvido por Martinelli



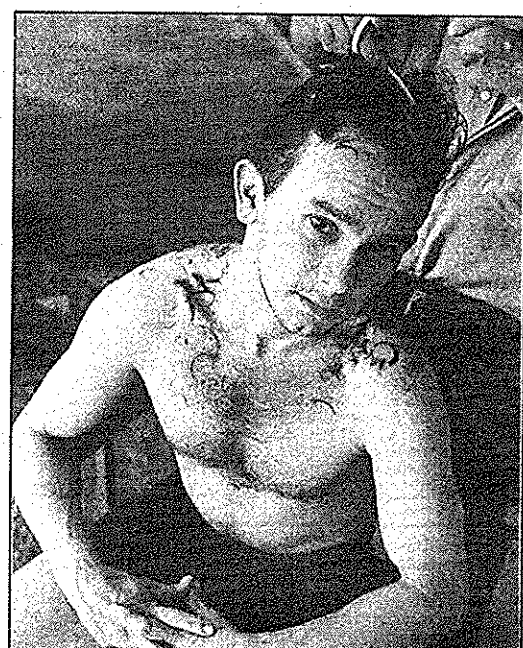
Ferrovia e demarcador de áreas na região da Serra dos Carajás: fotógrafo levou cerca de dez anos no preparo do seu projeto para a região, onde pretende ficar por cinco anos



Trabalhadores da oficina de caminhões da Vale do Rio Doce (à esq.) e garimpeiro desempregado no barbeiro (à dir.): relato fotográfico do cotidiano do amazonense é minucioso



Comprador de ouro de Serra Pelada: fotógrafo registra cenas referentes à indústria da juta, à pesca de peixes ornamentais e ao modo de morar da população



Colono sulista que é peão de fazenda no interior do Pará: antes de se embrenhar pelos estados amazônicos, Martinelli trabalhou nos principais jornais e revistas do País